

## ***REPENSANDO O DESENVOLVIMENTO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO***

**Nara Eliana Miller Serra**

**RESUMO:** Este texto traz uma reflexão sobre a pobreza não somente enquanto dependência financeira, mas sobretudo, aquela que está além do que se vê física e materialmente e, como pensar em desenvolvimento envolvendo essa célula da sociedade em períodos tão adversos, de mudanças aceleradas e de globalização.

**PALAVRAS-CHAVES:** Pobreza; Desenvolvimento; Trabalho; Renda.

**ABSTRACT:** This text brings a reflection on the poverty not only while financial dependence, but above all, that that is in addition he/she sees himself physics and materially and, how to think in development involving that cell of the society in such adverse periods, of accelerated changes and of globalização.

**KEYWORD:** Poverty; Development; Work; Income.

Durante muito tempo, acreditava-se que em função de uma dinâmica econômica, o desenvolvimento desencadearia, conduzindo à sociedade a industrialização, aos processos modernos e à tecnologia. Na verdade, o que se entendia como desenvolvimento era o crescimento do produto que se apresentava de forma direta ou indiretamente, favorecendo a fragmentação de uma sociedade que vem se avolumando em quantidade e se despedaçando em qualidade de vida.

Não se pode atribuir à pobreza, a ignorância das relações, a criminalidade, a insegurança coletiva ou as mazelas freqüentes que no País existem. Estas, são resultantes de uma política conduzida pela visão do poder econômico, onde, as pessoas se transformam em mercadorias, e não se reconhecem como tais, em função do capital e, aqueles que não conseguem inserção no mercado de trabalho,

que não conseguem um emprego, uma ocupação que lhe renda algum dinheiro, automaticamente está incluído nos bolsões da pobreza, pois a sua identificação enquanto trabalhador, significa saber qual a sua renda. Em sua obra *Repensando o Desenvolvimento Comunitário – o essencial nem sempre é visível*, JARA define : “Renda, elemento fundamental de subsistência- surge como representação ideal das possibilidades de realização social, o manancial sempre finito para acessar aos objetos de satisfação (JARA, 2000:09)”.

Acredita-se então, que a pobreza seria a falta de dinheiro, pois este iria suprir todas as suas necessidades enquanto pessoas, dando-lhes melhores condições de vida, deixando-as de serem consideradas pobres. Seria isso mesmo? Ou essa condição seria determinada por outros fatores que a questão econômica não cobriria? E como situar as pessoas num momento tão inconstante em que as mudanças ocorrem numa rapidez impressionante? E qual o contexto em que se situariam frente à modernidade, aos conflitos e às questões onde uma minoria comanda uma maioria?

### **Brasil, Um País rico**

O Brasil foi um dos Países que mais obteve crescimento econômico nos últimos anos. Em 1995, seu PIB alcançou a casa dos 558 bilhões de dólares, colocando-se em 9º lugar no ranking mundial. Na produção de alimentos, destaca-se como primeiro do mundo em café, cana-de-açúcar e laranja; segundo em soja, milho, feijão e bovinos; Terceiro em frutas e frango e o quarto produtor mundial de suínos. Isso representa um crescimento de 71% na produção de grãos com uma área cultivada de 37 milhões de hectare. Em 1990, alcançou 57,8 bilhões de toneladas em grãos e em 2000 chegou a casa dos 97,4 milhões.

Os números não ficam por aí. O Brasil juntamente com a China e a Índia, é o maior mercado do mundo em expansão: 2º do mundo em compra de jato, helicópteros, telefonia celular e consumo de biscoitos; Terceiro do mundo em consumo de refrigerantes; Quinto em telefonia fixa, consumo de CDs e livros e em poder de compra.

Então, comparando o crescimento e o tamanho da economia brasileira e os indicadores sociais, onde a pobreza ocupa um lugar de destaque, vemos que esse é

um País que ostenta uma das mais injustas desigualdades do mundo, enquanto isso:

### **O brasileiro - um povo pobre**

O brasileiro é pobre porque 34% das famílias vivem com menos de meio Salário Mínimo, cerca de 53 milhões de pessoas; 22 milhões de pessoas estão na condição de pobreza extrema, correspondendo a 14% das famílias brasileiras sem nenhum recurso para alimentação. Nessa faixa, estão concentrados os “sem teto”, os “sem terra” os “sem nada”, os miseráveis, dentre eles, 50% estão concentrados na Região Nordeste, mas precisamente dos Estados do Maranhão, Ceará, Piauí e Alagoas. Lamentavelmente, 45% dessas criaturas, tem menos de 15 anos e 17% se encontram na faixa etária entre 16 a 25 anos, o que se constata que 62% desses miseráveis são crianças e jovens <sup>4</sup>.

Eis porque, o Governo na sua política assistencialista criou programas como o Bolsa Escola, Salário Educação, Auxílio gás e outros. Observando este quadro entristecedor, vemos que esse País não somente sustenta uma assustadora condição de pobreza em termos de necessidades básicas, como também, de outras necessidades inerentes ao ser humano.

O número de pessoas analfabeto soma a casa dos 25,5 milhões; 40,8 milhões se acesso a água encanada; 59,5 milhões sem esgoto<sup>5</sup>. Essa condição não se limita somente aos centros urbanos, também no setor rural, 70% dos imóveis rurais estão abaixo da linha de pobreza, possuindo uma renda per capita menor que R\$ 131,00 (Cento e trinta e um reais) por mês.

Diante desse quadro, um País tão rico onde vivem milhões de pobres, que ocupa o 4º lugar em concentração de renda, o 9º lugar como já dissemos no PIB, é o 69º em IDH dentre 162 Países, não poderia ser diferente na concentração de renda, Demonstrando-se a distância em os 20% mais pobres e os 20% mais ricos, para os 0 Países com maiores PIB, o Brasil ocupa 33 vezes essa distância, enquanto o Japão e a Espanha 4 vezes, a Alemanha e a Itália 6 vezes; Canadá e China 7 vezes; Franca e EUA, 8 vezes e o Reino Unido, 9 vezes.

---

<sup>4</sup> AC NIELSEN

<sup>5</sup> IPEA e FGV

Segundo o IPEA, O Brasil possui o mais elevado grau de concentração de renda; Enquanto os 10% mais ricos correspondem a 50% da renda, os 50% mais pobres, ficam apenas com 10% dessa renda. Daí resulta então, que 1% dos mais ricos ficam com 12% da renda, representando mais do que os 50% mais pobres. O mais vergonhoso no entanto, é constatar que essa distribuição de renda permanece inalterada há cerca de 20 anos.

Percebe-se então que, quanto maior a concentração de renda e riqueza, tanto maior são as desigualdades sociais e pequeno é o desenvolvimento. Assim, cresce o desequilíbrio social e todo o País caminha a passos lentos para a solução desses problemas, para a melhoria dessa população, e acelera na injustiça e na condição subumana em que as pessoas estão sendo inseridas.

Não obstante, é comum vermos programas na mídia em que a pobreza é sinônimo de gracejos e humor sem propósitos. E nós espectadores, achamos engraçado e sorrimos da nossa própria situação, pois afinal, estamos rindo dos próprios brasileiros, filhos de uma mesma Pátria. Pelo que presenciamos em todos os lugares, o pobre tornou-se comum, o seu sofrimento e o seu abandono como parte integrante e normal do cenário que se vive, portanto, não nos sensibiliza mais.

A desgraça do outro passou a ser corriqueira e indiferente no nosso dia a dia. Estamos erguendo nossos muros, nossas grades, estamos nos protegendo inclusive dos pobres e pedintes, como se a pobreza fosse uma opção a que ele tivesse feito. A violência também se esconde na condição de pobreza, fazendo com que pessoas desconhecidas não sejam dignas de confiança. O mais cruel é a ineficiência dos poderes constituídos que envolvem essa massa de pobres em suas campanhas eleitoreiras, e o descaso após ocupar lugar no poder, caracterizando desta forma a ineficiência e a omissão enquanto político e o desrespeito enquanto ser humano.

Interessante observar que o crescimento da pobreza acontece exatamente no momento das grandes soluções tecnológicas, dos avanços da ciência que em tese, ambas estão em condições de evitar qualquer crise de alimentação, ou danos ecológicos.

A pobreza enfim, não se baseia somente na questão da renda, mas possui causas estruturais, culturais e sociológicas que conduzem o indivíduo ao abandono.

Porque os pobres não são apenas as pessoas que não dispõem de uma renda que permita o acesso a uma cesta básica, os sem terra, os sem teto ou os sem

carteiras assinadas. Os pobres não são apenas as pessoas situadas no patamar mais baixo da pirâmide social. Os pobres são também os desapoderados, desesperados, excluídos, desinformados, marginalizados, desconsiderados, discriminados, desorganizados, desprotegidos, desmoralizados, desabrigados, injustiçados, despreparados, subalternizados e os desqualificados. Os pobres são também as pessoas que carecem de qualquer perspectiva de ascensão social (op.cit.p.6).

Assim, entendemos que embora vivamos num País onde o poder é dito do povo para o povo, não conseguimos enxergar a instituição como tal. Uma verdade dita na definição da Democracia, que fica apenas no discurso porque a dimensão econômica é sempre colocada à frente das necessidades humanas e as políticas públicas são pensadas pela minoria, que as formula de acordo com seus interesses, suas conveniências e seus compromimentos de tal forma que quem tem cada vez mais aumenta sua riqueza, aumentando conseqüentemente, à distância entre os menos favorecidos. As políticas decorrem ainda do indiscriminado aumento da dívida interna, dos compromissos internacionais e da dependência do capital estrangeiro.

### **Mudanças de paradigmas**

Estamos vivendo uma era de rupturas etnológica onde devem ser repensadas novas estruturas. A questão social é tão importante neste novo contexto, quanto à questão ambiental. Ambas precisam ser discutidas de forma diferenciada da que até então tem sido questionada. No entanto, dizer que o processo de globalização é o responsável pelo aumento crescente da pobreza, do número de desempregados, do aumento da violência, da discriminação, da perda de valores culturais, das tradições e dos movimentos comuns que se estagnou, é desconhecer a realidade e a sua razão.

Para Jara (2000) Esse mal-estar social atual, os desequilíbrios e as patologias decorrem, fundamentalmente, da lógica do novo capitalismo flexível ativado pelas forças do livre mercado. É fruto dos processos excludente da modernização, uma construção humanamente destrutiva do sistema de mercado.

Ora, um País com 34% de famílias na pobreza, somando-se aos tantos miseráveis e aos analfabetos, preenchem o quadro dos sem qualificação, dos sem profissão, dos sem habilidades comprovadas. A questão do emprego, da carteira assinada, passa pela premissa básica do banco de escola. Se lhes falta recurso para alimentação, pensar em estudo é utopia.

Assim, forma-se o batalhão dos desempregados. Seriam filhos de políticas públicas inadequadas? Ou de responsabilidade de quem assume o poder?

**“Na sua origem, a constituição política foi ideada como uma expressão de princípios concretos fundados na razão objetiva; as idéias de justiça, igualdade, felicidade, democracia, propriedade, todas se proclamavam corresponder a razão, emanar da razão. Posteriormente, o conteúdo da razão foi arbitrariamente reduzido a ser simplesmente uma parte desse conteúdo, por extensão, e apenas a um dos seus princípios na sua composição (HORKHEIMER, 1976:28).**

Talvez essa pequena parte do conteúdo da razão seja exatamente o que não contempla a sua objetividade, daí temos uma constituição política que perdeu a sua essência cujas conseqüências se transformaram em desigualdades. Precisamos de políticas sustentáveis, que tenham como prioridade parâmetro de igualdade onde se permita conceber qualidade de vida às pessoas e seja possível desencadear processos em que as pessoas cresçam enquanto seres humanos, profissionais. Políticas que promovam o bem-estar e produza perspectivas de liberdade. Essa liberdade traduz-se na oportunidade econômica, direitos e o exercício da cidadania; Liberdade de saciar a fome, obter remédios, trajar-se dignamente e Ter um lugar para morar. Sem essa liberdade, não podemos pensar em desenvolvimento.

Para SEN (2000) a liberdade se constitui numa questão central para o processo de desenvolvimento, por duas razões: **A razão avaliatória**, onde o progresso passa a ser avaliado verificando se efetivamente houve o aumento das liberdades das pessoas; **A razão da eficácia** pela qual o desenvolvimento depende exclusivamente da livre condição de agente das pessoas. Acredita ainda, que essa liberdade individual e o desenvolvimento social supera a relação constitutiva por mais relevante que seja.

Entendemos que a liberdade não é um fim em si mesmo, mas um meio para se conseguir oportunidades sociais, participação econômica e a possibilidade de viver como se deseja.

## **Trabalho e o capitalismo**

Ao mesmo tempo em que se pensa numa liberdade diferenciada, de valorização e qualidade de vida, volta-se para a questão do mercado de trabalho onde preferencialmente se deseja a eliminação do trabalho morto, aquele que não é definido, que não gera expectativa e se firma no imaginário, buscando se o trabalho vivo, aquele que envolve as pessoas, que as inclui nos processos vigentes e que as tornam verdadeiras cidadãs.

Uma vez privilegiado o valor de troca, as pessoas passam a ser mercadorias e o seu valor é o valor que o mercado determina; Estamos nos deslocando de um sistema de bens materiais para outro relacionado mais centralmente com a informação. Nesse Aspecto, é necessário investimento nas pessoas para que não sejam tragadas pelo que Marx considera valor de uso, onde o capitalismo investe na produção tendo a quantidade e a qualidade como referencial mesmo sendo objeto de satisfação. O valor de uso de constitui em aspecto material, fora da economia política, no entanto, passa a integrar a economia política quando é modificado pelas relações de produção, nelas interferindo, alterando-as.

Quando se fala em produção, associa-se trabalho e dinheiro. Vimos que o caso do Brasil de penúria crescente, concentra-se basicamente nestes dois aspectos, embora saibamos que outros fatores interferem, mas fundamentalmente o fato do dinheiro, conhecido como renda, os inclui ou exclui, no sistema capitalista. Marx via o dinheiro como uma criação social; Dizia que a natureza não produz dinheiro nem letra de Câmbio.

Nos nossos dias porém, o dinheiro como melhor representação de mercadorias que lastreia toda produção social, num dado momento tem sua representatividade vazia, passa por abstrações, se considerarmos que cada vez mais o trabalho vai desaparecendo e com isso, a sociedade inicia o seu desequilíbrio.

Kurz (1991) menciona que tanto aqui quanto ali a penúria não está condicionada pela escassez dos recursos naturais, materiais e humanas, mas unicamente pelo fetichismo social do valor abstrato, mudando para as massas apenas a sua forma.

É preciso considerar a complexidade do mundo do capital frente aos processos atuais e o trabalho em todas as suas dimensões. O homem como mercadoria e como tal, possui um preço. Numa sociedade moderna e capitalista a tecnologia e os recursos que ela propicia, exclui grande quantidade de brasileiros desprovidos de qualificação, especialização, conhecimento ou habilidades para desempenhar determinadas atividades. Há também os que são descartados porque a sua capacidade de produção não alcança o mínimo desejável, cujos fatores que o levam a esta condição, nunca são averiguados ou ainda, existem aqueles que sequer são contados como trabalhadores.

Para os capitalistas o uso da força de trabalho não existe somente em aumentar a produção mas, na capacidade de produzir bens maiores do que havia antes; é o desejo de acumulação e de superação, o que leva a força de trabalho a jornadas muitas vezes exaustivas em busca do que se chama competitividade. Esta é importante na medida que desencadeia processos evolutivos no âmbito do comércio; É danosa à medida que sufoca a mão-de-obra trabalhadora, e as causas que levam a essa “prosperidade” não está vinculada ao encontro de um modelo certo, como sugeriria a ilusão iluminista referente ao indivíduo, mas refere-se tão somente ao sistema produtor de mercadoria, processos que caminham para frente, vislumbrando estágios e progressões que jamais poderão ser revertidos.

### **Alienação Social**

Desencadeando o movimento da produção e do trabalho, vamos encontrar o nosso herói brasileiro, remanescente do que um dia talvez considerou família, ou ainda, que pertenceu a um grupo privilegiado que denominamos “empregados”.

Se para Marx, a variação das condições materiais de uma sociedade constitui a História dessa sociedade, ao que chamou de **modos de produção**, então, essa História se faz nas mudanças de um modelo de produção para outro, e conseqüentemente o indivíduo está inserido neste contexto de uma forma positiva como partícipe deste processo, ou fora, excluído, alienado.

Chauí ( 2002) considera a alienação social como o desconhecimento das condições histórico-sociais concretas em que vivemos, produzidas pela ação humana também sob o peso de outras condições históricas anteriores determinadas.



Há uma dupla alienação: Por um lado os homens não se reconhecem como agentes e atores da vida social com suas instituições, mas por outro lado e ao mesmo tempo, julgam-se indivíduos plenamente livre, capazes de mudar suas vidas individuais como e quando quiserem, apesar das condições históricas. No primeiro caso, não percebeu que **instituem** a sociedade; no segundo caso, ignoram que a sociedade **instituída** determina seus pensamentos e ações.

Assim, quando se ouve dizer que alguém é pobre, preguiçoso, ignorante, está se esquecendo que a situação econômica, política, organizacional é quem determina o rumo dessas vidas.

Ainda Chauí, reforça que alienação social se apresenta em três grandes formas nas sociedades modernas ou capitalistas. A primeira, o indivíduo não se reconhece como parte integrante das instituições sócio-políticas e podem ter duas atitudes: Ou concordam com tudo que existe, ou se rebelam acreditando que podem mais que a realidade em que está inserido. *“Nos dois casos, a sociedade é o outro (alienus) algo externo a nós, diferente de nós e com o poder total ou nenhum poder sobre nós”.*

A Segunda forma é a alienação econômica que se apresenta em dois momentos: No primeiro como classe social, vende seu trabalho e recebem seus salários. Não enxergam que são coisas e como tais, foram desumanizados. No segundo momento é que o trabalho produz alimentos, produtos de consumos e outros que estão dispostos em lojas, supermercados, shopping Center. A mercadoria trabalhador produz mercadorias. E quando ele vê estas mercadorias, não pode comprá-la porque o preço é maior que o preço dele enquanto mercadoria: Ele não consegue raciocinar que aquilo exposto foi por ele produzido enquanto classe social.

E a terceira espécie de alienação é a intelectual, que resulta da separação entre o trabalho que produz mercadorias e o que produz idéias, como se para o que produzisse mercadorias, não fosse exigido conhecimento, somente habilidade.

Associando-se o processo alienatório a estrutura do mercado nos dias atuais, IANNI (1996) nos diz: Aí está uma constatação surpreendente da modernidade, na época da globalização: O declínio do indivíduo. Ele próprio, singular e coletivamente produz e reproduz as condições materiais e espirituais da sua subordinação e

eventual dissolução. A mesma fábrica da sociedade global, em que insere e que ajuda a criar e recriar continuamente, torna-se o cenário em que desaparece.

Entendemos, no entanto, que embora estejamos nesse emaranhado de situações, numa constante inquietação provocada pela aceleração do tempo moderno, pela industrialização, tecnologia e informação, essa mercadoria trabalhador ainda compete entre si e, diante do sistema capitalista é um obreiro como vendedor livre de sua força de trabalho, mas indefeso diante das políticas nacionais e internacionais que interferem no seu cotidiano.

Neste contexto, percebemos que embora a modernidade tenha o seu lado sombrio e tenha nos colocado diante de situações adversas, ela também nos coloca em situações que nos permite sair, até mesmo como consequência da inquietação e desassossego. Dificilmente indivíduos possuidores de sentimentos de impotência, angústia, insegurança e insignificância poderão contribuir para uma alternativa de desenvolvimento; porém, num dado momento, havendo oportunidade, todos esses sentimentos poderão transformar-se em elementos motivadores para que possa buscar alternativas.

A nós, cabe buscar os fenômenos que estão ocorrendo e encontrar saída através de definições políticas que possam construir um novo cenário menos injusto e mais humano para o povo brasileiro.

### **Desenvolvimento em Comunidades**

Atualmente, vários autores estão defendendo o chamado desenvolvimento local sustentável como alternativa para o alívio da pobreza crescente. Mas, é preciso estar alerta quanto à implementação destes programas, do contrário, estaremos vivenciando alguns malsucedidos programas que foram implantados em comunidades ditas organizadas, como os chamados programas de Estratégias de Desenvolvimento Comunitário.

O Brasil conhece algumas experiências que surgiram nos meados do século passado, pós-guerra fria, onde a pobreza dos países subdesenvolvidos se constituíam em ameaças aos países industrializados que temiam a propagação do comunismo internacional.

O desenvolvimento passa então de um estado evolutivo tradicional, para outro estágio, beneficiado pelos atributos da modernidade. Os Países industrializados

tornaram-se espelhos a quem os países subdesenvolvidos deveriam mirar-se. “Essa perspectiva condicionou, no microcosmo comunitário, um estilo centralista de gestão, dirigido a implantar os elementos próprios da modernidade ocidental, no seio das comunidades pobres”.(op.cit P.8)

A história da economia política nordestina comprova que a Estratégia do Desenvolvimento Comunitário naqueles moldes implementado, não mudou a vida dos pobres e dos agricultores; A modernização ali implantada não considerou a interface dos valores culturais e os interesses econômicos, como também não levou em conta os costumes e as relações intrínsecas que fortalecem os grupos. Terminou sendo um desenvolvimento local definido pela perspectiva compensatória.

Estamos nos reportando a esses enfoques, porque, na maioria das vezes os programas governamentais são feitos de cima para baixo. A população carente de tudo, se deixa envolver e participa de forma periférica, porque os resultados são os esperados por quem implantou e não o resultado que a população esperava ou necessitava. Como projetos dos políticos que acham que construindo pontes, prédios estão beneficiando a população, que na verdade precisaria de alternativas que lhes permitisse sobreviver sem as “esmolas” do governo, ou de outros benefícios, que não pontes e prédios.

Na verdade, esses programas não estimulam o aprendizado, a organização para o associativismo ou cooperativismo, para gestão administrativa, enfim, proporcionam acontecimentos, mas, não traz o desenvolvimento tampouco o crescimento humano; Promovem mudanças que não despertam a consciência e nem os estados da mente coletiva. Sem haver um sentimento coletivo de segurança, de desafio e de autoconfiança, dificilmente teremos mudanças significativas e pessoas com iniciativa e participação.

### **Desenvolvimento – Investimento em capitais**

Quando nos referimos a investimentos de capitais, consideramos o dinheiro enquanto moeda, mola que faz o mundo girar, mas, estamos também, nos concentrado em “Combater a pobreza e a exclusão social que não é transformar pessoas e comunidades em beneficiárias passivas e permanentes de programas assistencialistas, mas significa, isto sim, fortalecer as capacidades de pessoas e

comunidades de satisfazer necessidades e resolver problemas e melhorar sua qualidade de vida” (FRANCO,2000).

Acredita Franco que para consolidação das políticas públicas e as ofertas de serviços governamentais terem significado, é preciso que capital humano e capital social sejam fortalecidos. Para que isso ocorra, é necessário que a pessoas não só tenham acesso à renda, mas, sobretudo, ao conhecimento, ao poder de decisão e a possibilidade de interferir nas decisões públicas.

A esses comportamentos, chamávamos de liberdades. De que adianta vivermos num País livre, se estamos acorrentados pela ignorância, subnutrição, analfabetismo e falta de conhecimento, auto-estima perdida. Isto nos lembra JARA, que justifica “ Para os formuladores de política os esforços se dirigem para o filosófico, o visível e o material. De fato, é muito mais fácil ver um corpo com fome, que uma vida social sem esperança”.(p:5/6). Isto se deve ao fato de que, o referencial é sempre o sujeito centrado nas suas necessidades materiais e não nos valores e sentimentos do indivíduo.

Queremos levar a questão do desenvolvimento não para a composição de um modelo, não para evidenciar pensadores sobre o assunto, mas focalizar o ser humano enquanto membro de uma comunidade, pai de família, trabalhador, com ou sem teto, com ou sem renda, mas centrar a questão no ser gente, pessoa, possuidor de emoções. A nossa discussão vai além das estratégias desenvolvimentista, para fortalecer o que chamamos de sentimentos; A valorização do “eu” interno, criativo, sonhador e possuidor de valores desconhecidos.

Quando falamos em pobreza, provavelmente nem os pobres saibam como se autodefinir, mas percebem que se encontram em níveis ínfimos de subsistência e sentem a dor moral decorrente das impossibilidades e das dependências. Essa pobreza normalmente associada a necessidades básicas insatisfeitas, não traduz o que em sentimentos e emoções não é possível fugir sem sentir dor.

Todas as pessoas têm as mesmas necessidades, sejam elas básicas ou não, o que muda são os “satisfatores”, as formas e os meios para satisfazê-las. Daí então, perguntamos: Quais são essas necessidades humanas?

O pensador Chileno Manfred Max-Neff define certas categorias axiológicas e propõe as seguintes: Subsistência, proteção, afeto, entendimento, participação, lazer, criatividade, identidade e liberdade. Não existem programas oficiais de

desenvolvimento que financiem projetos de liberdade ou de afeto, de luta contra o racismo (ap.p.12).

Isso muda a forma reduzida de pensar desenvolvimento social. Para NEFF, é mais fácil ver a violência nas ruas, o descontentamento social, que a infelicidade das almas. Temos perdido o contato com a realidade multidimensional da experiência dos pobres, diz ele, temos negligenciado as dimensões culturais e espirituais.

Lançando um olhar diferenciado a pobreza, podemos entender porque alguns se autodefinem como os sem terra, os assentados, os aposentados, os negros remanescentes dos quilombos, os paus-de-arara, os bóias-frias, os descamisados, os João-ninguém... enfim, os sem esperanças.

Repensando todo esse cenário, buscando compreender o universo em que o ser humano está inserido, há que se priorizar alternativas que possibilitem integrar o homem ao seu contexto, incluindo-o nos processos e respeitando à sua identidade. Para que não fiquemos indo e voltando, do assistencialismo ao paternalismo, do bolsa escola ao salário educação e destes para outros e mais outros, subestimando a capacidade das pessoas de criar, desenvolver e progredir.

Também não podemos por conta da globalização, entender que tudo o que está ocorrendo é em consequência dela. É preciso perceber que a globalização nos proporciona condições variadas e positivas. Ela apenas aliou-se à tecnologia para favorecer os tempos atuais. A modernidade sim, esta, em função do capitalismo selvagem, mantém o distanciamento das classes e preserva condições de manutenção das desigualdades.

Portanto, quando se pensa em desenvolvimento, não estamos pensando que existe uma fórmula mágica para acontecer, mas acreditamos que precisamos criar uma nova lógica de desenvolvimento, através da construção de uma sociedade sustentável. Esta deve ser essencialmente uma decisão política coletiva entendida como ação integrada voltada ao bem comum.

É necessários levar em conta fatores que a princípio não são mensuráveis, e integrar na análise do desenvolvimento parâmetros tais como a história, o emocional coletivo, o imaginário, a memória social como energias multiformes difíceis de se esconder, porque são esses fatores que mexem, alteram e movimentam a vida social.

No nosso entendimento, não existe um modelo eficaz de desenvolvimento a ser aplicado. Existem comunidades, grupos, cidades que podem ser inseridas em programas voltados às suas realidades, aos seus contextos, às suas reais necessidades que possibilite às pessoas vislumbrarem cenários positivos, através do pensamento coletivo, da inserção no projeto a ser construído de forma participativa.

É preciso que o principal elemento seja o capital humano como construtor de um futuro, gerador de inovações através da capacidade de fazer coisas novas, exercitando à sua imaginação, projetando seus sonhos e visão, mobilizando-se para alcançá-los, num caminhar coletivo, onde conseqüentemente o capital social será expandido.

## **Conclusão**

Vivemos num País de riquezas naturais abundantes, de oportunidades, potencialidades, de grandes produções, ao tempo em que a sua pobreza cresce na mesma proporção.

Temos que repensar nestas míseras condições de sobrevivência que contrasta com a opulência das elites, que em minoria, emanam o poder, manipulam, articulam, fazem *lobby* e tudo o mais para seu patrimônio aumentar cada vez mais; ditam as regras, as quais todos nós temos que seguir-las. Falar ou pensar em desenvolvimento, é traçar metas para reverter este cenário, o que não é fácil. Mas, se, pensarmos em desenvolvimento visando a valorização do ser humano pela sua cultura, pelo seu espaço, individualidade, pelo entendimento de sua territorialidade, pelas suas diferenças e pelo seu valor enquanto força de trabalho, poderemos pensar que é possível a construção de um projeto positivo.

O desenvolvimento econômico é imprescindível; Não podemos excluí-lo, afinal, o mundo moderno gira em torno do capital, que por sua vez mobiliza e desmobiliza as pessoas, instituições, governos e Países. Precisamos então, criar vontades coletivas, novas práticas de valorização da identidade e sobretudo que faça valer o conteúdo da construção política fundada na razão objetiva de justiça, igualdade, felicidade, democracia e propriedade.

Centrar na questão da renda como identificador do indivíduo enquanto pessoa é atrelá-lo a um valor monetário; a renda, embora seja prática do capitalismo, não

traduz a sua real condição de vida. O Dinheiro propriamente dito, entretanto, é obviamente uma parte inerente à vida social moderna, bem como o tipo específico de ficha simbólica. Ele é fundamental para o desencaixe da atividade econômica ( GIDDENS, 1990:33).

Repensar desenvolvimento é entender as diferenciações, traçar caminhos que permitam a liberdade, a possibilidade de alimentar os atributos positivos da identidade, entendendo que o homem para ser cidadão, precisa antes de tudo valorizar-se e ser valorizado para poder participar de projetos e desta forma ser incluído no mundo moderno.

## **Bibliografia**

BENKO, Georges. **Organização Econômica do Território**: Algumas reflexões sobre a evolução do século XX . Texto

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática, 2002

CHIFFER, Sueli R. **A Globalização da Economia e o Território Nacional**. Indagações prospectivas. Texto

FIGHERA, D. Trinca. **Estado e Território: Suas relações e a Globalização**. Texto

FRANCO, Augusto de. **Porque precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável**. Brasília: Millennium/instituto de Política, 2000

\_\_\_\_\_. **Além da Renda. A pobreza Brasileira como Insuficiência de Desenvolvimento**. Brasília: Millennium/instituto de Política, 2000

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991

HARVEY, David. **Condição Pós Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1999

HAWKE, Paul, LOVINS Amory, LOUIS, L. Hunter. **Criando a próxima revolução industrial**. Tradução de Luiz A de Araújo, Maria Luiza Felizardo. São Paulo: Cultrix, 2000

HORKHEIMER, M. **Eclipse da Razão** . Rio de Janeiro: Labor do Brasil S/A, 1976

IANNI, Octávio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1996

\_\_\_\_\_. **Nação: Província da Sociedade Global ?** Texto

JARA, Carlos J. **Repensando o desenvolvimento Comunitário**: O essencial nem sempre é visível. Instituto interamericano de Cooperação para Agricultura.

KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização**. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. São Paulo: Paz e Terra S.A, 1993

RATTNER, H. **Globalização e projeto Nacional**. Texto

SANTOS, Carlos. **Modernidade: o Incluir e o excluir**: Artigo

SANTOS, Theotônio. **A globalização reforça as particularidades** . Texto

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000